CULTURA CONTRA CULTURA

(De como a dicotomia cidade/campo é sempre falseada na concepção que ainda temos de cultura, enquanto instrumento de domínio e privilégio de lugar.

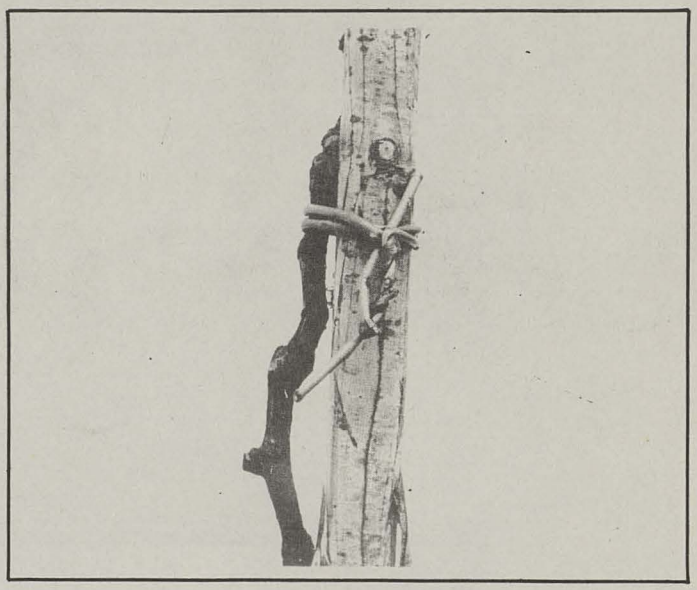
De como a arte envolve as palavras da arte e se envolve nelas, desenvolvendo a própria teoria de quem a afirma.)

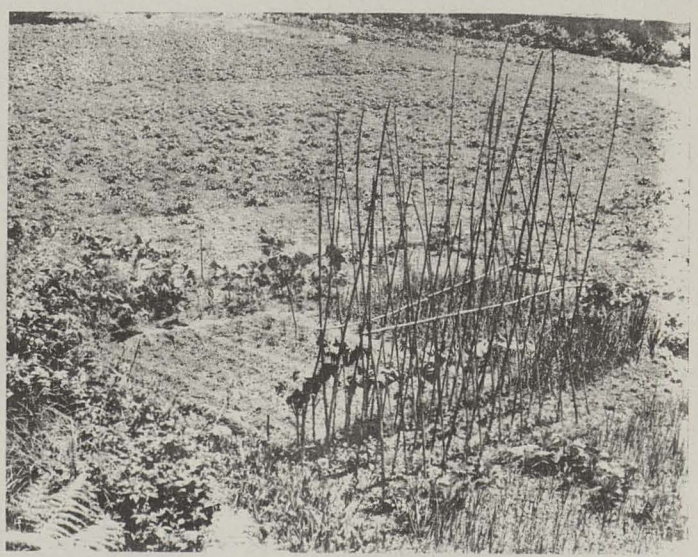
"O tio Alexandre fez uma enxertia no pessegueiro novo; podou o bravo e escolheu o ramo fêmea, rachou-o e meteu nele o garfo macho do melhor maracotão; enrolou a ráfia uma vez e desenrolou-a, enrolou-a segunda e voltou a desenrolá-la e só à terceira a apertou bem e atou.
— Diga-me cá, tio Alexandre, porque não atou a ráfia logo da primeira vez? O enxerto não pegava?
— Oh, pegava sim, eu é que não gostava."*

Do lado de dentro, a arte é um rio, uma árvore, uma nuvem, tudo, à imagem e semelhança de quem a sente e a diz. A arte é para quem a pensa a sua maneira de ser; sua: a dela-arte e a dele, que a-pensa. Todos dizemos que a arte é, apenas — universalidade de se ser arte e, como entrega, a arte. Todos dizemos assim vanguarda e nos escondemos na rectaguarda dela. Mas clarifiquemos aqui a noção de vanguarda (o que vai à frente) com a de rectaguarda (o que vai atrás) — os dois níveis são concomitantes da obra, como consciência de intervenção sobre o social. A arte não é neutra e participa da política de quem a toma como de-vida. Bendita coisa que nos vem satisfazer um desejo (a necessidade estética) e criar outros. Viver a arte e consciencializar a causalidade sentimento/pensamento da estética mensagem, que nos chega de além e de àquem, do norte, do sul, do leste, do oeste, em tudo e por tudo, através da terra, da água, do ar, do fogo — o que arde na volatilização húmida de ser sólido. O processo de ser a metamorfose da arte na poética necessidade de cada qual. Arte de vanguarda: rectaguarda de ser o outro lado da arte. O consciente o diz e a transfere logo para o reino do mistério na génese da outra coisa arte, que começa e irá ser outra vez vanguarda e rectaguarda de alguém e para alguém. Quem falou de si e dela como miséria? — Mas a miséria é ainda a má consciência de e sobre qualquer coisa em via de se esclarecer.
Só após a revolução, a arte é dádiva para quem a merecer, e se merecer, como satisfação estética da sua fome, da sua necessidade de arte.

"O José abria os regos com a enxada; de vez em quando parava, olhava, mirava e voltava a alinhar alguns carreiros. Eles não estavam segundo a sua secreta geometria, aquela que da terra lhe tinha chegado, como sabedoria de uma vida inteira a ela ligado."*

Do lado de fora, a arte é o corpo de quem afirma, imagem que transcende o que dela se diz. Somos o corpo da arte e a transformação desse corpo como imagem de arte. Corpo traspassado pelos conceitos — artifícios para significar o nosso original sentir. Diríamos ainda, repensando sobre





o já vivido e desvendando os segredos fundos da memória, consciência da própria matéria, que tudo se passa nesse constante vaivém entre o lado de fora e o lado de dentro; entre o ser e o seu objecto. Nem apenas o ser, nem somente o objecto, mas o espaço, frequência dos tempos, entre os dois: a matéria a entender, a trabalhar, a transformar para que a apropriação se faça, a nominação ou seja e a posse aconteça. "Apropriação: reflexo supremo de identificação pelo possuído. Nominação: entrega pelo entendimento da essência da coisa apropriada. Posse: descoberta do ser do artista pelo ser da obra e revelação da obra como ser."• Aqui, cada qual, na relação com a sua obra, é o artista; criador e mestre dos seus momentos de gozo estético, deslumbramento de se dar e esvair até ao entendimento de ser outra vez o começo de alguma coisa. Eterno retorno pelas transformações que o agora nos exige para que o imediato possa ser sempre o outro lado do espelho, estético e livre na metamorfose do corpo arte, suporte tangível de infinito.

ALBERTO CARNEIRO

"Cerejas maduras em maio frio e borralho ainda quente para comê-las."•

A arte dá-se em toda a parte pelo corpo outro e logo que a comunicação se estabeleça e a estética seja mensagem e necessidade desse corpo. Corpo tactear, corpo gostar, corpo cheirar, corpo ouvir, corpo olhar, corpo acção estética de corpo, transformação do corpo inerte, arte. Por este entendimento, a arte é ser e não ser, cadinho das nossas contradições estéticas, simultaneidade de beleza e de fealdade.

"A sega do trigo no campo grande... Aqui e ali, o tio Tónio voltava atrás e afeiçoava melhor o laço de um dos molhos, aconchegando-o ao colo da meda.
— Porque faz isso, tio Tónio?
— Por nada, sabes, assim fica mais bonito."*

A cultura é tudo o que se tem por tudo o que se agarra, enquanto vida. Poderemos sempre encontrar os modos como cada coisa é diferente, se procurarmos o nosso corpo no corpo outro, no corpo arte. Prolongaremos assim e dialecticamente o nosso prazer de estar e ser e chegaremos a compreender que cada coisa o é do nosso lado de dentro e como prolongamento para o nosso lado de fora, objecto de síntese pelo que somos nela, arte, e por ele, corpo — espiral percurso de vaivém entre o mim, como dentro, e tudo o que o agrega, como fora . A cultura (aquilo que é pelo que parece) e a contracultura (aquilo que é pelo que se quer que pareça) são a mesma coisa, enquanto convenções, que serão senpre aquilo que se pretende que sejam. As referências da moda são feitas pelos modos de quem as quer ditas. A quem compete dizer que sabe? O que é saber?

"A tia Luisa espetava cada cana junto ao pé dum feijoeiro e entrosava-o nas outras, como quem buscava o equilíbrio da forma. Olhei-a durante muito tempo, meditando sobre aquele saber que a levava a afeiçoar cada cana para que o todo fosse mais do que a simples armação para o bom crescimento dos feijoeiros.
— Diga-me tia Luisa, porque põe tanto cuidado no estacamento dos feijoeiros? Eles assim crescem melhor, dão mais feijões?
— Não, não é por isso, meu filho;eu trato sempre a minha horta como se fosse um jardim."*

Deixemos o conceito cultura à entrada do tugúrio e meditemos um pouco sobre a linha do horizonte, estendendo o ponto de fuga até à sua dissolução no cosmos. Pela meditação, o corpo é a cultura de si, o vivível de tudo o que nele se agrega e o agrega, cheio e vazio do espaço entre o seu lado de dentro e o seu lado de fora; negação da afirmação que sempre fizer; movimento para a-manhã. "Pela meditação, o corpo é. Por ela, ele não elabora, penetra, desvenda para além da consciência do que nele se perceba. Por ela, ele vive a sabedoria e o conhecimento nas três fases da revelação da obra: apropriação, nominação e posse."• Os vínculos estéticos aí estão como própria procura e busca do outro, como vontade, entrega e desejo de ser. Entrega: dádiva para fora; desejo: dádiva para dentro. A arte é o espaço estético entre o eu e o seu objecto, fluxo dos tempos mais secretos da vida. Pela arte cada um é e é a arte.

"Afinal a arte é sempre feita por todos ." •

Porto, Maio de 1979

---

* notas de "O amanho da terra e o comportamento estético".

• notas de "As notas para um diário"